

FORMAÇÃO DE ALFABETIZADORAS EM MORRINHOS – GO

CAMPOS, Thaís Rosa de¹; SANTOS, Kellen Cristina P. dos²; LIMA, Michelle Castro³

¹ Estudante de Iniciação Científica – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano – Câmpus Morrinhos - GO. thaispink1@hotmail.com; ² Estudante de Iniciação Científica – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano – Câmpus Morrinhos – GO. kelly.morena.l@hotmail.com; ³ Orientador – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano – Câmpus Morrinhos – GO. michelle.lima@ifgoiano.edu.br.

RESUMO: O presente trabalho expõe parte de um estudo que buscou analisar, do ponto de vista da História, Memória e Representação da Educação, os sentidos inscritos nas práticas das alfabetizadoras. Para tanto, buscamos respaldo teórico das tendências que classificam as diferentes abordagens da pesquisa, sendo que esta proposta apresenta-se no campo das pesquisas qualitativas e tem como foco metodológico a história Oral. As representações sobre o papel da Educação e do alfabetizador vão se construindo na trajetória escolar e em outros espaços sociais de convivência. Por isso, é de suma importância identificar quem são estas alfabetizadoras e os locais de formação das mesmas. Desta forma, investigamos qual a formação das alfabetizadoras que atuaram nas salas de alfabetização em Morrinhos, tendo como objeto específico a relação entre a prática e as políticas públicas que direcionavam a educação no período pesquisado, pois, é uma área extremamente interessante e carece de demais estudos.

Palavras-chave: Alfabetizadoras, Formação, Práticas.

INTRODUÇÃO

Estudar as práticas e formação das alfabetizadoras, no período compreendido entre 1996 e 2014 é, antes de tudo, buscar sua inserção num quadro de representações que se interligam e são percebidas no aprofundamento do estudo das fontes, como afirma François(...) a história oral não somente suscita novos objetos e uma nova documentação, como também estabelece uma relação original entre o historiador e os sujeitos da história (1998, p. 9).

A história abre-se para várias e diferentes vertentes, abordagens de estudos e interpretações sendo necessário estruturar estes elementos no bojo de suas representações. Para Souza, “(...) o amalgama de todos esses elementos era sedimentado por meio de práticas ritualizadas e simbólicas” (2004, p. 117). Desta forma, buscamos identificar quais práticas e símbolos que as normas educacionais mineiras apresentavam, como estas eram apropriados e trabalhadas pelas alfabetizadoras. Assim, denominamos de normas educacionais todas as leis, decretos, projetos e programas de ensino propostos pelo governo estadual de Minas Gerais.

O presente estudo buscou analisar, do ponto de vista da História, Memória e Representação da Educação, os sentidos inscritos nas práticas das alfabetizadoras. Para tanto, buscamos respaldo teórico das tendências que classificam as diferentes abordagens da pesquisa, sendo que esta proposta apresenta-se no campo das pesquisas qualitativas. Considerando a

multiplicidade de elementos integradores de nosso objeto de estudo e que garantem sua identidade, é permitida a classificação da estrutura de estudo elaborada sob a ótica qualitativa.

Faz-se necessário marcar cronologicamente as reflexões que pontuam a vida de uma cultura buscando a herança que cada alfabetizadora recolheu do passado, já que “representar é, pois, fundamental, estar no lugar de, é presentificação de um ausente; é um apresentar de novo, que dá a ver uma ausência. A ideia central é, pois, a da substituição, que recoloca uma ausência e torna sensível uma presença” (PESAVENTO, 2004, p.40).

Como o saber está interligado à prática cotidiana e às instituições de formação na trajetória de vida de cada alfabetizador em atuação e a memória se faz pelas lembranças e pelo esquecimento, a formação docente começa bem antes do ingresso em um curso de Pedagogia. As representações sobre o papel da Educação e do alfabetizador vão se construindo na trajetória escolar e em outros espaços sociais de convivência. Por isso, é de suma importância identificar quem são estas alfabetizadoras e os locais de formação das mesmas.

MATERIAL E MÉTODOS

Por se tratar de uma análise qualitativa de um período relativamente recente (1996-2014), foram realizadas entrevistas com alfabetizadoras que atuam ou atuaram na alfabetização em

Morrinhos durante o período em análise.

Desta forma, as entrevistas foram transcritas e analisadas dentro de uma perspectiva qualitativa e histórica com base nos referenciais teóricos apresentados. É de caráter elucidatório conhecer quais são as narrativas produzidas pelas alfabetizadoras bem como suas representações e experiências. Faz-se necessário analisar quais são as suas indagações, observações e as lembranças sobre sua formação e prática.

A história oral é uma das formas de valorizar quem viveu em determinados contextos e podem nos relatar detalhes que provavelmente nunca seriam escritos nos documentos “oficiais”. Thompson expõe, em seu livro *A Voz do Passado*, o quanto pecamos ao achar que apenas o que está escrito é verdade; pois toda história depende basicamente de sua finalidade social e os fatos coletivos ficam mais evidentes com a História Oral. Através dela, podemos cruzar depoimentos de várias pessoas de diversas camadas sociais envolvidas nestes fatos e preencher lacunas existentes. Sendo assim, a escolha das fontes também é uma seleção que o pesquisador faz e, desta forma, as entrevistas serão transcritas e aprovadas pelos seus autores e registradas em Cartório.

Utilizaremos também as fontes iconográficas, uma vez que estas se inserem no paradigma indiciário. Destarte, a metodologia perpassa a pesquisa histórica e compreende a leitura e análise de fontes bibliográficas, matérias jornalísticas, análise de revistas da época e das entrevistas com alfabetizadores e alunos. Enfim, não há uma única metodologia, pois o tratamento das fontes pode ser definido também pela sua própria característica. A metodologia será aplicada com base nos referenciais teóricos apresentados e que podem ser redefinidos também pelo próprio tratamento que cada fonte requer.

Para a coleta de dados, foram realizadas entrevistas orais temáticas, cujas narrativas poderão alargar de forma significativa a perspectiva dessa pesquisa que é poder auxiliar a construir a história da alfabetização primeiramente em Morrinhos e posteriormente no Sul Goiano. Nesse sentido, reafirmamos que uma das grandes vantagens da utilização de depoimentos orais neste estudo está na possibilidade de também poder proporcionar à escrita da história a incorporação de atores e vozes que possivelmente cairiam no esquecimento, perdendo-se para sempre.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os locais de formação das alfabetizadoras são parte integrante da construção social da

concepção de alfabetização da criança. Desde o nascimento elas estão, através das relações sociais, elaborando suas concepções e se formando como alfabetizadoras. E, através das entrevistas, conseguimos identificar a influência da sua formação e das normas do Estado goiano em suas práticas.

Assim, um dos principais aspectos da cultura que se constitui objeto de ensino na escola é precisamente a linguagem/língua, que nos precede, ultrapassa, institui e constitui como seres humanos e sujeitos sócio-históricos. A partir de então, se faz necessário este estudo que ainda está em andamento e que está investigando quais foram as práticas das alfabetizadoras que atuaram e atuam nas escolas públicas de Morrinhos, bem como a representação das alfabetizadoras sobre as experiências vivenciadas.

CONCLUSÃO

A investigação busca, na prática das alfabetizadoras, os indícios para compreender o que ocorreu no espaço escolar. Assim, ainda que a documentação esteja escassa ou danificada, buscamos reconstruir as representações culturais, a partir de sinais oferecidos por essas fontes, indicadores da relação da entidade escolar com a sociedade, do professor com o aluno e suas contribuições para a formação da cultura escolar.

Como a pesquisa está na fase inicial, encontramos um ponto importante sobre a formação dos professores alfabetizadores de Morrinhos, pois a maioria deles não são habilitados para atuar nas séries iniciais do ensino fundamental.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FRANÇOIS, Etienne. A fecundidade da história oral. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; PESAVENTO, Sandra Jatahy. **A História e História Cultural**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2004;
- SOUZA, Rosa Fátima de. Lições da Escola Primária. In: SAVIANI, Dermeval (Org.). **O Legado Educacional do Século XX no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004. p.109-151